

• **RESENHAS**

LITERATURA E SOCIEDADE

ANTONIO CANDIDO

Edu Teruki Otsuka* e Ivone Daré Rabello**

Quando as relações entre formas estéticas e sociais não pareciam objeto de contenda tão acirrada quanto o que ocorreu nas décadas seguintes, Antonio Candido publica *Literatura e sociedade* (São Paulo: Nacional, 1965), que logo se tornou indispensável para os interessados em questões teóricas relacionadas à crítica literária e a seus campos afins, como a historiografia e a sociologia, e em análises precisas acerca do processo formativo da literatura brasileira em seu chão histórico-social.

Esgotada há vários anos, a obra, reeditada há pouco,¹ mantém sua atualidade e ganha significações novas. Em 1965, quando mal se esboçava no Brasil o futuro triunfo das análises formalistas, *Literatura e sociedade* repunha os termos do que se apresentava ora como paralelismo ora como antagonismo para reconfigurá-los como *síntese*: a literatura, comunicação simbólica, é fenômeno da vida social e, embora exija estudos de sua fatura expressiva, só pode ser pensada em suas articulações com a sociedade, sem que tais articulações limitem-se à verificação do que há de referências sociais numa obra, gênero ou período literário. Pouco depois da primeira edição, porém, os estudos literários foram dominados, no cenário nacional, pela voga do estruturalismo de inspiração lingüística e pelo fetiche da estrutura paradigmática, abstraída da realidade concreta. O arbítrio tirânico da corrente desalojaria temporariamente da crítica literária a tarefa da investigação dos fatores histórico-sociais. E, entre 1965 e 1972, quando surgiu a terceira edição de *Literatura e sociedade*, a sociedade parecia ter sido expulsa dos estudos acadêmicos sobre literatura.²

* Mestrando em Teoria Literária e Literatura Comparada – FFLCH – USP.

** Professora do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada – FFLCH – USP.

¹ O livro foi reeditado pela T. A. Queiroz e recentemente lançado em bancas de jornal, como parte da coleção "Grandes nomes do pensamento brasileiro", do jornal *Folha de S.Paulo*.

² No Prefácio à 3ª edição de *Literatura e sociedade*, Antonio Candido esclarece que emprega os termos "estrutura" e "função" com base na Antropologia inglesa (Malinowski e Radcliffe-Brown), distinguindo-se do que se tornara voga dominante. Sobre o distanciamento de Antonio Candido em relação ao estruturalismo, cf. "A passagem do dois ao três (Contribuição para o estudo das mediações na análise literária)". *Revista de História*, n.100, São Paulo, out./dez. 1974, p.787-99.

Nos últimos anos, quando outros arbítrios teórico-metodológicos recolocam ácidas apreciações contra o que consideram nova onda de certo “sociologismo da literatura”, tentam colonizar o terreno próprio à crítica literária, ou, em nome da famigerada “desconstrução”, proclamam a impossibilidade de se construírem sistemas interpretativos, a releitura de *Literatura e sociedade* torna a lembrar-nos, com toda a eficácia, que a totalidade do fenômeno literário não prescinde nem da análise detida das obras nem da investigação do complexo cultural e social de que faz parte e ao qual responde. Ao contrário disso, é no trabalho concreto com as obras que o crítico entrelaça o estudo da sua estrutura às circunstâncias em que surgem e às funções que desempenham no sistema cultural mais vasto.

Composto de oito ensaios, *Literatura e sociedade* reúne estudos anteriores como “A literatura e a vida social” (de 1958) e “O escritor e o público” (de 1955). Em ambos, a sociologia é convocada como disciplina auxiliar para esclarecer aspectos da arte e da literatura, conjugados com o desenvolvimento das sociedades. Quanto à literatura, Antonio Candido desenvolve a idéia de *sistema* articulado de autores, obras e público interagindo dinamicamente, e analisa o processo de sua formação, observando as conexões históricas, sociais e culturais aí implicadas. Como se vê, aqui se explicita uma das bases teóricas de *Formação da literatura brasileira – Momentos decisivos* (1959).

Também é o ângulo sociológico que orienta os ensaios historiográficos “Letras e idéias no período colonial” (de 1961), “A literatura na evolução de uma comunidade” (de 1954) e “Literatura e cultura de 1900 a 1945” (de 1953 e 1955). Dedicados à literatura brasileira, investigam aspectos sociais entrelaçados à crítica da cultura.

“Letras e idéias no período colonial” focaliza os modos pelos quais foi se formando o sistema literário brasileiro, tensionado entre a tradição já existente, européia, e os materiais da realidade local (a colonização, a natureza tropical, o índio). O desejo de expressão da particularidade, por um lado, e o lugar ocupado pela literatura em território sem divisão do trabalho intelectual, por outro, explicam o caráter *empenhado* da atividade literária no Brasil, que atuou como instrumento para a interpretação do “novo mundo” e deu expressão ao sentimento nativista. Será essa a matriz desenvolvida extensamente em *Formação*, que finaliza com o anúncio da superação, na obra de Machado de Assis, do dilaceramento entre o penhor da fidelidade ao local, de que decorre tanto o ufanismo quanto o sentimento de inferioridade diante da tradição européia, e a inclinação para o universalismo.

Em “Literatura e cultura de 1900 a 1945”, Antonio Candido retoma a questão crítica que rege o sistema literário brasileiro e sintetiza-a na chave da “dialética do localismo e do cosmopolitismo” que enfeixaria nossa vida espiritual. Detendo-se no Modernismo, de 22 e de 30, sem perder de vista o rastro da literatura de 1900/1922 e com os olhos voltados para a produção contemporânea ao momento de sua escrita, avalia-o como um dos momentos fundamentais da fase de “particularismo literário” por equilibrar a matéria expressiva à forma tomada ao arsenal europeu e assim superar o dilaceramento.

“Literatura na evolução de uma comunidade” refaz em escala reduzida a diretriz que norteou *Formação da literatura brasileira*, investigando como se

deu o processo formativo de um sistema de autores e obras, bem como a contribuição particular dos paulistas à literatura brasileira.

Nesses cinco ensaios, ainda que acentuando aspectos extraliterários, Antonio Candido não deixa de lado o pressuposto que orienta seu trabalho: a crítica, *literária*, dirige-se aos objetos concretos, às próprias obras, mas não prescinde dos conhecimentos histórico e sociológico de modo a não se perderem de vista as determinações do fenômeno artístico em sua interpretação.

Mas o empenho teórico em definir o terreno próprio da crítica literária se dá, como o próprio autor nos orienta no Prefácio à terceira edição de *Literatura e sociedade* (de 1972), em “Crítica e sociologia”, “Estímulos da criação literária” (ambos inéditos em 1965) e “Estrutura literária e função histórica” (de 1961). Nesses ensaios está em causa a discussão de um método crítico que dê conta da literatura como atividade simbólica, seus desígnios ideológicos e o papel que as obras desempenham em contextos diferenciados de leitores.

Em “Estímulos da criação literária” o enfoque centrado na poesia oral, primitiva, parece ter também outra mira. Ao acentuar que nas formas orais as relações com a vida social são mais diretas e que o fato não exclui o interesse em analisar seus recursos expressivos, o crítico também enfatiza que na literatura erudita os estímulos da realidade constituem elementos determinantes somente na medida em que passam por uma longa série de mediações. Ainda que não enunciadas, as reservas em relação ao sociologismo e ao marxismo vulgar são patentes, posto que Antonio Candido, reconhecendo que a literatura exprime a realidade, sinaliza os perigos da análise que sobrepõe imediatamente a obra à sociedade. O método crítico que daí se pode depreender já pressupõe a análise da elaboração artística dos fatores sociais, focalizando as camadas de sentido que operam como elementos mediadores na composição da obra.

“Crítica e sociologia” é o momento decisivo da exposição de tal método. Embora a sociologia possa interessar aos estudos literários, o objeto da crítica literária se define na consideração da obra. Desse ponto de vista, os estudos técnico-formais, dos quais Antonio Candido, sem fazer alarde terminológico, também é mestre,³ são instrumento indispensável para o estudo dos elementos sociais na estruturação da obra. O alvo da crítica, em seu sentido forte, parte do material concreto – a obra – e apreende os modos textuais pelos quais os fatores externos se encontram internalizados em sua estrutura.

Ainda que Antonio Candido se mostre discreto em questões teórico-metodológicas, até por criticar o excessivo interesse por definições rígidas,⁴ *Literatura e sociedade* apresenta seus escritos mais acentuadamente teóricos

3 Quanto à prática analítico-interpretativa de Antonio Candido, *Na Sala de Aula* (São Paulo: Ática) é exemplar: à análise fina do detalhe, escolhido a cada caso segundo a objetividade do material, soma-se a perícia do crítico que busca o princípio organizador que permite passar da “estrutura aparente” para a “estrutura profunda” do texto e, assim, fundamentar o trabalho propriamente interpretativo. Também se compõem no conjunto das seis aulas um método de exposição e um panorama de vários momentos da lírica brasileira.

4 A crítica foi explicitada já em 1962, no prefácio à 2ª edição de *Formação da literatura brasileira*, sinalizando contra desvios na atividade da crítica brasileira. Cf.: “Este interesse pelo método talvez seja um sintoma de estarmos, no Brasil, preferindo falar sobre a maneira de fazer crítica, ou traçar panoramas esquemáticos, a fazer efetivamente crítica, revolvendo a intimidade das obras e as circunstâncias que as rodeiam. Ora, o presente livro é sobretudo um estudo de obras ... As idéias teóricas que encerra só aparecem como enquadramento para estudar as produções e se ligam organicamente a este desígnio” (Candido, 1975, p.15).

numa conjugação decisiva entre literatura e sociedade. Em “Crítica e sociologia”, sobretudo, a plataforma do crítico se expõe: seu interesse se concentra na *estruturação* da obra, isto é, o processo por meio do qual a estrutura se forma. De acordo com Roberto Schwarz (1999, p.12), nesse processo

os elementos da realidade externa se tornam forças ordenadoras internas à obra, aí revelando dimensões que escapam da ideologia e das intenções deliberadas de seu autor. A prioridade passa para a análise estética, ou formal, mas sem que esta se dessocialize.

Assim, a tônica recai sobre o estudo da *forma*, da configuração objetiva da obra, a partir da qual é possível surpreender o social *no* literário. É a essa articulação que Antonio Candido chamará, em estudos posteriores, de *redução estrutural* dos dados externos, que integram a obra como componentes internos à composição (Candido, 1993a, p.9; 1993b, p.32-3).

Considerando a necessidade de se aprofundar o método teorizado, Antonio Candido formula em “Crítica e sociologia”:

Tal método, cujo aperfeiçoamento será decerto uma das tarefas desta segunda metade do século, no campo dos estudos literários, permitirá levar o ponto de vista sintético à intimidade da interpretação, desfazendo a dicotomia tradicional entre fatores internos e externos, que ainda serve atualmente para suprir a carência de critérios adequados. Veremos então, provavelmente, que os elementos de ordem social serão filtrados através de uma concepção estética e trazidos ao nível da fatura, para entender a singularidade e a autonomia da obra.
[grifos do autor]

Ainda que não tenha sido esse o caminho hegemônico da crítica literária, e não sem razões de ordem ideológica, foi nele que Antonio Candido cultivou o terreno sólido da crítica dialética. No empenho de teorizar uma via que respondesse ao momento histórico de 60 – quando novos determinismos respondiam mal aos presságios da tirania do “especificamente literário” –, *Literatura e sociedade* só aparentemente deixou de lado uma produção “regida por preocupações muito empíricas ... o concreto e as situações como se apresentam” (Candido, 1992, p.231). Na verdade, os ensaios supõem que a teoria é invocada para esclarecer os pontos centrais da reflexão do crítico e os rumos que considerava necessários à investigação de nossa literatura. Não se trata, portanto, de antagonismos ou paradoxos entre literatura e sociedade, já que, na visada da crítica, o conhecimento do específico e do particular da estrutura literária de cada obra permite e exige a investigação daquilo que está nela transfigurado – a realidade social, em seus múltiplos aspectos. Nesse sentido, as páginas em que Antonio Candido se dedica a comentar possibilidades interpretativas de *Senhora*, de José de Alencar, na articulação da forma à dinâmica social, tornaram-se ponto de referência para estudos sobre vários outros romances.

Em “Estrutura literária e função histórica”, que analisa *Caramuru*, de Santa Rita Durão, e sua recepção no Romantismo, pode-se observar como operam, na prática, as diretrizes teórico-metodológicas expostas nos ensaios anteriores. Retomando a noção de nacionalismo do período romântico, cuja função ligava-

se à necessidade de descobrir ou inventar uma tradição literária especificamente nacional, Antonio Candido indica que certo sentimento nativista já estava presente no século XVIII, momento em que se publica o *Caramuru*. Como ocorria em *Formação da literatura brasileira*, Arcadismo e Romantismo são considerados pelo crítico como momentos decisivos, articulados pela afinidade histórica, da constituição do sistema literário, não obstante suas diferenças expressivas. Ao analisar a estrutura de *Caramuru* o crítico identifica a colonização, a natureza e o índio como os *princípios estruturais* que ordenam motivos e episódios. Mas Antonio Candido também nota que os três elementos são perpassados por certa ambigüidade, cuja análise permite perceber a atuação da ideologia (no caso, a religião católica) como o *princípio organizador* do poema, que não apenas organiza os elementos internos da obra como a vincula ao sistema social. O estudo da configuração objetiva da obra permite explicar a importância do *Caramuru* no Romantismo, que valorizava nele a presença viva dos temas nacionais, e não sua ideologia ostensiva. Ainda que nesse ensaio haja um movimento que parte da análise formal para chegar à consideração das implicações sociais e culturais do texto (e não tanto a leitura que parte dos dados externos para a análise interna, como em certos ensaios posteriores), já se nota aqui a força do método que estabelece correlações adequadas entre a estrutura da obra e o sistema mais amplo.

Nos ensaios que produziu nos anos seguintes à edição de *Literatura e sociedade*, como “Dialética da malandragem” e “De cortiço a cortiço”, a vocação pelo concreto⁵ baliza o método de Antonio Candido, com enfoque voltado para a “redução estrutural”, isto é,

o processo por cujo intermédio a realidade do mundo e do ser se torna, na narrativa ficcional, componente de uma estrutura literária, permitindo que esta seja estudada em si mesma, como algo autônomo. (Candido, 1993a, p.9)

“Redução” não significa, aqui, “restrição”, e sim “transformação”. O método não implica, portanto, qualquer tipo de reducionismo. Distanciando-se dos estudos literários de orientação sociológica tradicionais, não visa, de modo algum, ao confronto da obra com esquemas sociológicos dados de antemão, o que dissolveria sua especificidade no quadro externo que permanece, assim, em sua exterioridade. Ao contrário disso, e tal como já o define em “Crítica e sociologia”, o objetivo de Antonio Candido é estudar de que maneira a forma literária se constitui, elaborando esteticamente os dados externos que, por sua vez, só se compreendem pela referência à sociedade.

A crítica integradora de Antonio Candido tem como alvo o nexos entre o por-menor da composição literária e a totalidade social. O exercício da vocação, que visa “à integridade do processo” de pensar fenômenos simbólicos em chão histórico-social, não se limita a questões de método. Para dizer com Roberto Schwarz (1987, p.146), o terreno sólido da crítica literária de Antonio Candido constitui “um esforço de toda uma vida”, para não se conformar à compartimentação do saber imposto pelo próprio processo social.

⁵ Sobre a “vocação pelo concreto”, bem como sobre o estilo do ensaio em Antonio Candido, cf. Arrigucci, 1992, p.181-204.

Referências bibliográficas

- ARRIGUCCI, D. Movimentos de um leitor. In: D'INCAO, M. A., SCARABÔTOLO, E. F. (Org.) *Dentro do texto, dentro da vida*. São Paulo: Companhia das Letras, Instituto Moreira Salles, 1992. p.181-204.
- CANDIDO, A. Prefácio à 2ª edição. In: _____. *Formação da literatura brasileira. – Momentos decisivos*. 5.ed. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.
- _____. Entrevista à revista *Trans/Form/Ação*. In: _____. *Brigada ligeira e outros escritos*. São Paulo: Editora Unesp, 1992.
- _____. Prefácio. In: _____. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993a. p.9.
- _____. Dialética da malandragem. In: _____. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993b. p.32-3.
- SCHWARZ, R. Pressupostos, salvo engano, de “Dialética da malandragem”. In: _____. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.146.
- _____. Saudação *honoris causa*. In: _____. *Seqüências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.



CANDIDO, Antonio.
<i>Literatura e sociedade.</i>
São Paulo: T. A. Queiroz, 2000